

**ENTRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES: A MIGRAÇÃO
DE AKUNNA NO CONTO “NO SEU PESCOÇO” (2009),
DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Danielle Reis Araújo (UERJ)
dannyreisaraujo@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa à análise do conto “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, a partir das categorias de identidade, memória e deslocamento em narrativas subalternas negras. Busca-se refletir sobre a marginalização da mulher negra em uma sociedade de valores eurocêntricos, destacando como os discursos pessoais revelam múltiplas vozes de resistência. Para tanto, recorre-se à teoria e crítica femininas (Spivak, 1988; Bonnici, 2007; Zolin, 2009; 2010; Rossini, 2016; Veiga, 2020), às discussões sobre memória e identidade (Cuche, 1999; Pollak, 1992; Arfuch, 2002) e aos Estudos Culturais (Hall, 1992; Canclini, 1997; Glissant, 2005), a fim de evidenciar os obstáculos enfrentados por figuras femininas negras diante da opressão étnica, biológica e social em contextos hegemônicos.

Palavras-chave:

Deslocamento. Identidade. Memória.

ABSTRACT

This article analyzes Chimamanda Ngozi Adichie’s short story “On your neck” (2009) through the categories of identity, memory, and displacement in Black subaltern narratives. It seeks to reflect on the marginalization of Black women in a society with Eurocentric values, highlighting how personal discourses reveal multiple voices of resistance. To this end, we draw on feminist theory and criticism (Spivak, 1988; Bonnici, 2007; Zolin, 2009; 2010; Rossini, 2016; Veiga, 2020), discussions on memory and identity (Cuche, 1999; Pollak, 1992; Arfuch, 2002), and cultural studies (Hall, 1992; Canclini, 1997; Glissant, 2005) to highlight the obstacles faced by Black female figures in the face of ethnic, biological, and social oppression in hegemonic contexts.

Keywords:

Displacement. Identity. Memory.

1. Introdução

Ao longo da história, as pessoas negras têm sofrido violência, opressão e silenciamento em vista dos valores eurocêntricos que comandam as diversas sociedades no mundo. Nesse sentido, tomando isso como fator inerentemente central, o presente trabalho compõe uma análise do conto “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, uma

escritora feminista negra, nascida na Nigéria e reconhecida como uma importante produtora da literatura anglófona africana.

Tendo em vista o lugar de subalternidade do público feminino, sobretudo da mulher negra na sociedade, entendemos que essas vozes são oprimidas e, por vezes, silenciadas na história (Veiga, 2020). Dessa forma, ao analisar uma obra de autoria feminina negra que retrata, ainda que ficcionalmente, vivências e experiências singulares desses sujeitos, evidencia-se não apenas a narrativa da história pela ótica da “oprimida” – marcada pela denúncia –, mas também um relevante testemunho de memórias sociais. Percebemos, então, que a narrativa individual, em sua elaboração, abre caminhos para se pensar o discurso coletivo (Pollak, 1992).

Levando em consideração o conto “No seu pescoço” (Adichie, 2009), observamos a apresentação e desenvolvimento da trajetória de uma personagem subalternizada por ser uma mulher negra de origem africana. A narrativa progride a partir do deslocamento entre continentes feito por Akunna, a fim de conquistar melhores condições de vida, acontecimento que configura o ponto de partida e o evento primordial para a construção do enredo. Desse modo, a obra em questão carrega consigo uma representatividade simbólica ao repercutir, por meio da escrita feminina negra, memórias individuais e coletivas de identidades subalternas. A análise aqui proposta, assim, permeia um viés etnográfico à medida que traz à tona questões de memória, identidade e deslocamento no que diz respeito à poética da diversidade.

Este artigo analisa o conto “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, a partir das relações entre identidade, memória e deslocamento na experiência de mulheres negras em contextos eurocêntricos. Para tanto, organiza-se em três partes: na primeira, revisitamos epistemologias da escrita de mulheres negras no âmbito da poética da diversidade, mobilizando críticas feministas, culturais e estudos sobre memória e identidade; na segunda, desenvolvemos uma leitura caleidoscópica do conto, evidenciando como a trajetória de Akunna expressa processos de subalternização e resistência; por fim, nas considerações (in)conclusivas, ressaltamos os alcances e limites da análise, sem pretender esgotar as interpretações possíveis da obra.

2. Revisitando algumas epistemologias da escrita de mulheres negras no contexto da poética da diversidade

Com o intuito de produzir uma análise concisa e crítica a respeito do conto “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, foram selecionados para este trabalho referenciais teóricos que abordassem questões acerca dos seguintes tópicos: (1) teoria e crítica femininas e subalternidade negra (Spivak, 1988; Bonnici, 2007; Zolin, 2009; 2010; Rossini, 2016; Veiga, 2020); (2) reflexões sobre memória e identidade (Cuche, 1999; Pollak, 1992; Arfuch, 2002); e (3) estudos culturais (Hall, 1992; Canclini, 1997; Glissant, 2005).

Nesse sentido, com base nas teorizações elencadas, será proposto um levantamento das contribuições dos estudos assinalados diante da abordagem dos aspectos supracitados nos objetivos que permeiam a leitura aqui desenvolvida do conto. Procedemos, então, à abordagem da obra com vistas a salientar a maneira como esta perpassa por questões de identidade, alteridade e memória diante de conflitos e tensões vivenciados no choque cultural da migração.

O diálogo, em sua composição, pressupõe, necessariamente, uma comunicação clara entre um emissor e um receptor. Caso não haja algum desses agentes, ou se houver uma obliteração desse canal comunicativo, não é possível que se efetive tal prática. Compreendemos, assim, que os sujeitos sem ‘voz’, tomando por base a visão de Spivak (1988), corresponderiam justamente aos indivíduos que são silenciados pelas forças hegemônicas em vista de suas condições sociais, culturais, políticas ou físicas. Nessa perspectiva, notamos que os subalternizados perdem suas vozes à medida que não são ouvidos e não por não possuírem a capacidade da linguagem ou, ainda, por não falarem.

Retomando Spivak (1988, p.14), ressaltamos que “a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser o de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a)”, de modo que suas vozes sejam levadas em consideração dentro da sociedade. Ademais, a autora demarca o lugar de fala feminino como um lugar periférico, em vista das questões de gênero, situando que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 1988, p. 15).

Levando em consideração as questões de gênero para De Lauretis (1994), notamos as limitações que, ocasionalmente, o conceito da dife-

rença sexual ocasional. Duas das principais problemáticas são: (1) encerrar as concepções críticas do feminismo a uma contraposição universal do sexo que segrega biologicamente as mulheres e os homens, configurando-os como sujeitos monolíticos; e (2) resgatar os alcances epistemológicos do pensamento feminista envolto do patriarcalismo estrutural.

Embora “o sujeito assum[a] identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificados ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 1992, p. 13), o olhar discriminatório, eventualmente, reduz as minorias a indivíduos análogos, não cabendo a eles uma heterogeneidade, algo que se torna completamente limitador e que contribui para o silenciamento dos mesmos. Percebemos, então, a partir das ponderações de De Lauretis (1994), que, sendo os sujeitos híbridos, há a necessidade de se situar essas diferenças, quer sejam sociais, culturais ou identitárias. Dessa maneira, ao considerar a subalternidade imposta às mulheres, é necessário compreender a diversidade desse público, de modo a entrever caminhos para englobar os aspectos convergentes e divergentes de suas trajetórias individuais e coletivas.

Na contemplação histórica das sociedades, atentamos ao fato de que o público feminino, diversas vezes, foi inferiorizado nas esferas políticas, sociais e culturais, tendo sua voz silenciada em detrimento do poderio masculino. Subalternizadas pela política do patriarcalismo, que visava pôr em xeque as suas competências físicas e intelectuais, as mulheres tiveram seus direitos e, sobretudo, liberdade limitadas (Rossini, 2016).

É possível perceber, ainda, na literatura contemporânea, no que configura o protagonismo feminino em narrativas, espólios de um olhar discriminatório e um afastamento na recepção dessas produções. Ademais, cabe pensar também na maneira como obras escritas por mulheres negras são recebidas na sociedade, uma vez que se tratam de produções realizadas por um público subalternizado étnica, biológica e socialmente, em vista das questões discursivas de manutenção ideológica do poder.

Com o crescimento de discursos e ações em prol da igualdade social entre os gêneros, engendrou-se o movimento feminista, que repudia os desequilíbrios de poder (e.g. políticos, sociais e culturais) entre homens e mulheres e a dominação sexista (Bonnici, 2007). A desconstrução das ideologias de gênero preexistentes na sociedade alcançou a literatura, possibilitando o questionamento às falas hegemônicas e a problematização dos cânones literários – discussão que vai de encontro com a compo-

sição do sistema literário⁷, segundo Cândido (2013), ao contestar quem são os produtores e os receptores dos conteúdos de literatura. Apesar disso, conforme aponta Zolin (2009), o feminismo não assegura a equidade entre os sexos, apenas contribui para o direito da mulher de ter seu espaço dentro da sociedade e, assim, possibilita uma literatura a partir da ótica feminina, embora esta, em alguns casos, ainda seja subalternizada.

A interseccionalidade, em seu sentido amplo, engloba as maneiras pelas quais os “sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 177, *apud* Veiga, 2020, p. 8). Tais condições de opressão social, ao se levantarem em conformidade com outros agentes que visam determinar a diferença, corroboram para a ideiação de um “indivíduo multidimensional” (Cuche, 1999), distanciando uma categorização da subalternidade em caixas. Cabe pensar, então, em um sujeito que pode ser marginalizado simultaneamente diante de seu gênero, raça, sexualidade, geração etc, como a exemplo do conto uma mulher negra, pobre e estrangeira.

Na medida em que a concepção de um indivíduo detentor de uma identidade monolítica se desconstrói, abrem-se caminhos para a depreensão das identidades plurais e diversificadas (Hall, 1992; Glissant, 2005). No entanto, por vezes, o olhar discriminatório ofertado pela cultura dominante aloca os sujeitos subalternos na mesma categoria, universalizando suas condições e, assim, reduzindo-os a seres homólogos e unívocos. Dessa maneira,

[...] todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante. Trata-se então da transformação da hetero-identidade que é frequentemente uma identidade negativa em uma identidade positiva. Em um primeiro momento, a revolta contra a estigmatização se traduzirá pela reviravolta do estigma. (Cuche, 1999, p. 190)

A cultura, sendo uma manifestação de bens simbólicos materiais e imateriais de uma sociedade, agencia um claro conflito entre as forças hegemônicas e os subalternos, sendo esses últimos os dominados. Entendendo que o processo cultural está em constante reelaboração (Canclini, 1997), atentamos à questão do hibridismo presente nessas relações anta-

⁷ Constituído por “um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros” (Cândido, 2013, p. 23).

gônicas de poder. Ademais, como aponta Cuche (1999), convém, também, verificar a distinção entre as noções de cultura e de identidade cultural, uma vez que

[...] a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá quase nada em comum com o que ela era anteriormente. (Cuche, 1999, p. 176)

Debruçando-nos sobre a narrativa de um sujeito cultural que fala de si, por meio do pacto autodiegético, ou de sua condição por meio do outro (personagem construído), obtemos não só as memórias individuais demarcadas pela construção do relato, antes, há um resgate das memórias coletivas delineadas pelo discurso que, embora individual, carrega uma polifonia transcendental ao sujeito que narra (Pollak, 1992; Arfuch, 2002). À vista disso, faz-se oportuna a consideração de Pollak (1992) que enquadra a memória como: (1) um fenômeno constituído por pessoas/personagens; (2) uma herança social, cultural e antropológica; (3) um proponente a ser construído individual e coletivamente; (4) um evento seletivo, ou seja, não há um registro fiel de todos os acontecimentos da vida de um sujeito; (4) um elemento que corrobora ao sentimento de identidade; (5) um valor que, conjuntamente à noção de identidade, pode entrever disputas sociais e políticas.

Tais considerações a respeito de identidade, memória e construção sociocultural, assim como o caso dos conflitos de poder entre as camadas hegemônicas e subalternas, serão levados em consideração na análise do conto “No seu pescoço” (Adichie, 2009).

3. *Leitura caleidoscópica de “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie*

De certa maneira, a literatura ficcional sempre teve como um de seus fundamentos retratar esteticamente aspectos socioculturais de indivíduos por um meio ficcional. Nessa perspectiva, ao circunscrever memórias sociais individuais e coletivas com um caráter fantasioso, o autor de uma narrativa delineia caminhos que possibilitam pensar um espaço em que cabe também o real (Piglia, 2014).

Ao concebermos personagens de obras literárias (e.g. romances e contos), podemos compreender as características empregadas a eles, tanto físicas, quanto da personalidade, às concepções ideológicas de seus papéis na sociedade. No caso da representação feminina, notamos que o

percurso narrativo de tais figuras é descrito de maneira semelhante às suas condições no mundo, ou seja, demonstra a subalternidade em que esse grupo se insere. Nessa perspectiva, emerge a figura de Akunna, personagem principal do conto “No seu pescoço” (Adichie, 2009) a ser analisado nesta seção, uma mulher negra nascida na África prestes a reinventar seu destino.

No que configura a ideia de Nancy (2016) acerca das múltiplas leituras de um texto, percebe-se a possibilidade de três tipos de leitura: (1) informativa; (2) embarcada; e (3) típica de um pesquisador. Sendo essas complementares entre si, possibilitam o encontro do escrito com o leitor de modo plural, o que se faz perceptível através da abordagem do conto “No seu pescoço” (2009). Este relato apresenta características informativas e pode ser analisável por uma perspectiva investigativa e crítica.

Logo no início do conto, percebemos uma visão idealizada da América do Norte como o lugar de progresso e ascensão social, não à toa a personagem principal da história realizará uma “migração transnacional” (Spivak, 1988) para este continente. Tanto para Akunna quanto para sua família, que possuíam vidas simples e pobres⁸, a possibilidade de migrar da África para os Estados Unidos correspondia a uma oportunidade única e indispensável, dadas as vantagens pelas quais acreditavam fortemente que imigrantes poderiam receber em outro país.

Podemos perceber que, de acordo com o círculo social de Akunna, bastaria a garota colocar seus pés nos Estados Unidos para em um mês conquistar uma casa e um carro, algo que, na realidade, não ocorreria com tanta facilidade, nem em tão pouco tempo. No entanto, a ida para o país de “primeiro mundo”, que gerava a sensação utópica do ganho de um prêmio inenarrável, distanciava, em certa medida, a dimensão dos obstáculos de se viver em um novo mundo, distante de sua família e de sua terra natal.

Ademais, as passagens que se seguem demonstram a disparidade entre as convicções de antes e depois da migração. Assim, as primeiras impressões e os impactos da chegada de Akunna nos Estados Unidos não ocorrem de maneira positiva, como antes ela havia acreditado. Há uma recepção, por parte dos norte-americanos, pouco amistosa e incutida de

⁸ Situação que pode ser exemplificada pela seguinte passagem: “Batalhões deles entraram no quarto em Lagos que você dividia com seus pais e três irmãos, apoiando-se nas paredes sem pintura porque não havia cadeiras para todos” (Adichie, 2009, p. 106).

preconceitos, em vista de ela ser africana. Adichie (2009) exhibe algumas passagens que transmitem as discriminações de cunho racista, xenofóbico e classicista sofridas pela personagem principal. Destacamos uma exemplificação a seguir:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. (Adichie, 2009, p. 107)

Arquitetados na narrativa, os discursos estereotipados, ofertados a imigrantes africanos nos Estados Unidos, atendem a visões essencialistas e simplistas desses sujeitos, uma vez que, em prol das forças hegemônicas e da ratificação de tendências eurocêtricas, são considerados subalternos (Veiga, 2020). É perceptível, também, a divisão social entre eles (norte-americanos) e outros (imigrantes africanos) que a autora demarca no conto, dada a constante readequação dos subjugados para se encaixarem nos padrões “americanos”. Explicitado na fala do tio de Akunna, “o truque era entender os Estados Unidos, saber que, ali, é dando que se recebe. Você dava muito, mas recebia muito também” (Adichie, 2009, p. 107).

Ao ser assediada por seu tio, Akunna passa por uma reviravolta em sua vida nos Estados Unidos. Tal episódio, exposto no conto, evidencia uma exemplificação de agressão promulgada por uma visão sexista da mulher presente, ainda, na sociedade (Bonnici, 2007). Expondo, pela visão de um personagem masculino, que “as mulheres espertas faziam isso o tempo todo” (Adichie, 2009, p. 107), a autora revela o lugar de inferioridade em que a mulher se encontra, à medida que, em uma ótica de mundo machista, a mulher teria que se “vender” e ser submissa aos homens para conquistarem seu espaço no mundo (Zolin, 2009). Recomendação, no conto, que vem acompanhada da justificativa: “Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?” (Adichie, 2009, p. 107).

Após o fatídico episódio, a personagem se vê diante de uma situação de impasse. Sozinha em outro continente, sem um lugar para onde ir, habitando um mundo que não é o seu e sem se render à exploração, Akunna retira-se do único local que havia abrigado. Sem dinheiro, ela não continua seus estudos, objetivo de sua migração, e, assim, inicia uma nova fase em sua jornada nos Estados Unidos: empregada assalariada vi-

vendo em um “quartinho minúsculo com tapete manchado” (Adichie, 2009, p. 108).

Nessa etapa, Akunna se sente sozinha, invisibilizada e com saudade de sua família, amigos e de seu país e já não tem mais uma visão idealizada da América do Norte. A essa altura, não achava mais que tinha ganhado na “loteria do visto americano”, mas que estava “presa” em uma realidade que não lhe cabia. O choque cultural estabelecido a partir das vivências da personagem contribuíram também para o saudosismo expresso, por exemplo, na passagem abaixo:

Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país — nas suas tias que vendiam peixe seco e banana-da-terra na rua, adulando os passantes para que comprassem com elas e logo gritando insultos para aqueles que recusavam; nos seus tios, que bebiam o gim nacional e espremiam suas famílias e suas vidas em apenas um cômodo; nos amigos que tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você havia ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam; nos seus pais, que muitas vezes davam as mãos quando caminhavam para a igreja no domingo de manhã, fazendo com que os vizinhos rissem e brincassem com eles; em sua mãe, cujo salário mal dava para pagar os estudos dos seus irmãos na escola de ensino médio onde os professores davam nota dez para quem lhes passava um envelope de papel pardo. (Adichie, 2009, p. 108)

As diferenças culturais pressentidas e expostas na obra corroboram a tensão que perpassa toda a narrativa e que funcionam como uma força motriz da mesma. O fato de a personagem perceber certas distinções entre os costumes da América do Norte e da África⁹ confere progressividade ao conto, uma vez que repercute na maneira como Akunna se relaciona com o ambiente a sua volta e como ela se insere neste local.

Além disso, atrelado a esse choque cultural, também é possível perceber como o essencialismo a respeito de figuras negras no ambiente norte-americano é narrado por Adichie. Esse preconceito, expresso principalmente no momento em que Akunna menciona o modo como os estadunidenses frequentemente associavam quaisquer pessoas negras a imigrantes jamaicanos, ou como exibiam falas cujas representações acerca de África centravam-se em estereótipos criados por visões eurocêntricas. Por isso, a personagem declara que “os brancos que gostavam demais da África e os que gostavam de menos eram iguais – condescenden-

⁹ Como a exemplo, nos Estados Unidos as pessoas falarem abertamente de suas situações inconvenientes, desperdiçarem comida e deixarem gorjetas em mesas de restaurantes, educarem seus filhos e se vestirem de maneiras diferentes, costumes estranhos para a personagem principal.

tes.” (Adichie, 2009, p. 110). Tal apreensão remonta as visões de Hall (1992) e Glissant (2005), acerca do que os autores falam sobre as concepções monolíticas das identidades impostas pelas forças hegemônicas.

Ao conhecer um rapaz em seu local de trabalho, Akunna fica estarecida pelas amplas informações que ele tinha do continente de sua origem. Após se interessarem um pelo outro e engatarem em um relacionamento amoroso, faz-se notória as diferenças de visão de mundo que cada um tinha. Enquanto o homem interrompeu os estudos para viajar pelo mundo em busca de si, Akunna cruzou o oceano para garantir uma melhor condição de estudo e, assim, elevar o seu padrão de vida e o de sua família.

O relacionamento interracial de Akunna era visto, inclusive, como algo “anormal”, como descreve a passagem abaixo:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal bonito” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta. (Adichie, 2009, p. 114-15)

Configurada por uma ótica racista, era incomum uma mulher negra africana namorar um homem branco estadunidense. A citação anterior apresenta os dois lados da moeda, à medida que essa situação repercutia negativamente tanto para os brancos, quanto para os negros que observavam o casal. Além disso, tal situação abordada no conto demonstra a segregação étnica preexistente nos Estados Unidos, em vista do hibridismo cultural, ou seja, da disputa aclarada entre as distintas culturas (Canclini, 1997).

Ao relatar que Akunna “não sabia que as pessoas podiam simplesmente escolher não estudar, que as pessoas podiam mandar na vida” (Adichie, 2009, p. 111), a autora revela as percepções da personagem validadas pelas vivências da mesma. A protagonista que nasceu em um ambiente extremamente pobre e com condições educacionais e trabalhistas desfavoráveis “estava acostumada a aceitar o que a vida dava, a escrever o que a vida ditava” (Adichie, 2009, p.111).

Em certa altura do conto, Adichie demonstra a miséria em que a família da protagonista, a exemplo de tantos outros sujeitos nascidos na Nigéria, vivia, o que justamente impulsionou a migração para os Estados Unidos. As passagens “se o senhor me vender junto com minha família, não vai conseguir comprar nem um pneu do seu carro” (Adichie, 2009, p. 112) e “seu pai [...] estava como os porcos que chafurdavam na lama no entorno do mercado. Seu pai parecia *nsi*. Merda” (Adichie, 2009, p. 113), remontam o desespero do pai de Akunna ao colidir com um veículo importado de uma pessoa rica e exibem claramente a pobreza da família da menina.

Situações como essa podem espelhar outras vivências semelhantes à de Akunna e de sua família. Assim, notamos a dimensão do conjunto de memórias individuais da protagonista, como base para se pensar memórias coletivas, uma vez que, sendo a uma mulher africana portadora de uma identidade plural, as vivências dela não se estabelecem de maneira isolada, antes repercutem outras vivências e, assim, outras vozes (Pollak, 1992; Arfuch, 2002). O próprio fato de a narrativa se estabelecer em segunda pessoa, posto que a todo momento do conto Adichie se referia a Akunna como “você”, é um aspecto que naturalmente se direciona a outros sujeitos com trajetórias comuns diante desse sistema opressor.

No entanto, apesar da pobreza de Akunna em seu país de origem, a protagonista se via descontente em seu novo “lar”. Ao não se encaixar em uma sociedade que a subalternizava, ela sente vontade de voltar para junto de sua família na Nigéria. O estopim para a volta foi o conhecimento da morte de seu pai, após cinco meses falecimento. Em seu retorno, a personagem não deixa claro se regressaria para os Estados Unidos ou se deixaria a “loteria do visto americano” para trás.

A leitura deste conto abre uma série de interpretações que corroboram para compreensão do percurso de imigrantes em uma sociedade em que impera uma lógica de mundo e discursos eugenistas. Nesse sentido, cabe à narrativa demonstrar o aspecto salutar desses registros, por meio da história de Akunna, a fim de se constatar problemas epistemológicos e multiculturais que figuram no mundo pós-moderno.

4. Palavras (in)conclusivas

Ao final deste artigo, não esperamos findar todas as possibilidades de análise para o conto “No seu pescoço” (2009), de Chimamanda Ngozi

Adichie, antes buscamos oferecer uma possibilidade de leitura para esta narrativa. Assim, identificamos, por meio da trajetória pessoal da protagonista da obra, Akunna, o conjunto de memórias sociais individuais e coletivas da subalternidade negra.

Após as considerações feitas na seção de referenciais teóricos e da referida análise da obra neste artigo, podemos perceber o cruzamento de narrativas plurais que corroboram à construção, sobretudo, de identidades. Desse modo, compor um trabalho que se centra na escrita de uma figura feminina negra que narra e, assim, remonta a história de uma mulher africana que possibilita resgatar o olhar do oprimido para as condições de subalternização. Nesse sentido, o conto “No seu pescoço” (Adichie, 2009) exibe um potencial de leitura capaz de revelar, por meio da denúncia, experiências e vivências, por um meio ficcional, de sujeitos à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. In: _____. *No seu pescoço*. Trad. de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. Título original: *Espacio biográfico*: el dilemas de la subjetividad contemporanea.

BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista*: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2009.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CUCHE, Dennys. Cultura e identidade. In: _____. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: _____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GLISSANT, E. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora-MG: UFJF, 2005.

HALL, Stuart [1992]. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANCIAU, Núbia. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF/Niterói: EdUFF, p. 215-41, 2005.

LAURETIS, Teresa De. *A tecnologia do gênero*. Trad. de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NANCY, Jean-Luc. *Demanda – literatura e filosofia*. Trad. de João Camillo Penna et al. Florianópolis: UFSC; Chapecó; Argos, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-12, Rio de Janeiro, 1992.

_____. *The interpretation of culture*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1988.

ROSSINI, T. N. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97-111, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. p. 73-102

SPIVAK, Gayatri Chakravorty [1988]. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. *Tempo e Argumento*, v. 12, n. 29, e0101, Florianópolis, 2020.

ZOLIN, L. O. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *IPOTESI*, v. 13, n. 2, p. 105-16, Juiz de Fora, jul./dez. 2009.

_____. *Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade*. Letras, v. 20, n. 41, p. 183-95, Santa Maria, 2010.